

OS DESTINOS DO LEÃO
ANÁLISE SEMIÓTICO-DISCURSIVA DE CHARGES JORNALÍSTICAS
SOBRE O AVAÍ FUTEBOL CLUBE NO CAMPEONATO CATARINENSE/2009

Fábio Messa

RESUMO

O trabalho consiste na análise semiótico-discursiva das charges jornalísticas sobre o desempenho do Avaí Futebol Clube em dois veículos impressos de Florianópolis – *Notícias do Dia* (ND) e *Hora de Santa Catarina* (HSC) - durante o Campeonato Catarinense/2009. A partir das teorias semióticas do discurso, são descritos os conteúdos das ilustrações para identificar e discutir os rumos argumentativos e as tendências político-ideológicas dos jornais em relação à performance do time na competição. Problematisa-se, portanto, o percurso gerativo dos sentidos nas charges do jornalismo esportivo local, compreendendo seus mecanismos de construção e seu comprometimento com os repertórios culturais dos leitores.

Palavras-Chave: Futebol. Charge. Semiótica

ABSTRACT

The work consists in a discursive-semiotic analysis of newspaper cartoons about the performance of the Avaí Futebol Clube printed in two vehicles from Florianópolis – *Notícias do Dia* (ND) and *Hora de Santa Catarina* (HSC) - during the Championship Catarinense/2009. From the semiotic theories of discourse, the content of the illustrations are described to identify and discuss the course and argumentative political and ideological trends of the newspapers in relation to the performance of the team in the competition. It is questioned, therefore, the generating journey of the senses on local sports illustration journalism, including its mechanisms of construction and its commitment to the cultural repertoires of readers.

Keywords: Football. Illustrations. Semiotic.

RESUMEN

El trabajo consiste en la análisis semiótico-discursiva de las caricaturas en los periódicos sobre el rendimiento del Avaí Fútbol Club en dos vehículos impresos de Florianópolis - *Noticias del día* (ND) y la *Hora de Santa Catarina* (CSS) - en el Campeonato Catarinense/2009. A partir de las teorías semióticas del discurso, son descritos los contenidos de las ilustraciones para identificar y analizar los cursos de argumentación y las tendencias políticas e ideológicas de los periódicos en relación con el rendimiento del equipo en la competición. Problematisase, por lo tanto, el recorrido generativo de los sentidos en las caricaturas del periódico deportivo local, incluidos sus mecanismos de construcción y su compromiso con los repertorios culturales de los lectores.

Palabras clave: Fútbol. Caricaturas. Semiótica

A charge é uma composição sígnica geralmente veiculada pela imprensa, que tematiza algum acontecimento factual, comportando crítica e focalizando personagens reais caricaturizados. Sabe-se que para compreender uma charge é preciso identificar qual o seu discurso fundador, ou seja, o fato que tornou a charge possível e/ou os discursos, a trama discursiva, que constituem o seu contexto. Selecionamos as charges de Adorno (*Hora de Santa Catarina*) e Mendes (*Notícias do Dia*) - que se referem ao desempenho e às peripécias do Leão, mascote (signo) do Avaí Futebol Clube, de Florianópolis, durante parte do Campeonato Catarinense/2009 - para mostrar como se constrói o efeito de humor e o percurso gerativo do sentido, que traz de forma subjacente a crítica deste gênero jornalístico. Destaca-se, desde então, o fato das charges terem sido extraídas de dois jornais populares de empresas concorrentes, na região da Grande Florianópolis, durante o mês de março de 2009. Nota-se que os jornais populares constroem sua legitimidade a partir dos parâmetros distintos dos jornais de referência, relacionando-se de forma específica com o mundo de seu público leitor. São jornais que falam do universo de seu próprio público, adotam uma estética pragmática, misturando informações tanto do âmbito privado quanto do entretenimento. Muitas vezes, também, são obrigados, por interesses mercadológicos, a utilizarem determinados recursos temáticos, estéticos e estilísticos deslocados do discurso jornalístico tradicional.

“ (...) baseiam-se na valorização do cotidiano, da fruição individual, do sentimento e da subjetividade. Os assuntos públicos são muitas vezes ignorados; o mundo é percebido de maneira personalizada e os fatos são singularizados ao extremo. O enfoque sobre grandes temas recai sobre o ângulo subjetivo e pessoal. O público leitor, distante das esferas de poder, prefere ver sua cotidianidade impressa no jornal, e a informação é sinônimo de sensação e da versão de diferentes realidades individuais em forma de espetáculo. O jornal resgata a cultura de almanaque e seu espírito lúdico e de serviço.”(AMARAL, 2006, p.57-58)

É dentro desse contexto, a partir dessas concepções, que se vislumbra as charges esportivas dos jornais *A Hora de Santa Catarina* e *Notícias do Dia*, pois futebol é circunstância do cotidiano, em que as fruições são mais do que individuais, têm caráter coletivo, massificado. Na abordagem jornalística popular do futebol, personalizam-se equipes, jogadores e/ou técnicos, condensando-os em figuras simbólicas, míticas. A narratividade e o debate sobre futebol são cotidianos e provocam sensações no público porque surgem aos seus olhos e ouvidos como um produto espetacular, com todas as alegorias que lhes são pertinentes.

“A narratividade, da qual a narração é seu produto, oferece-se como um processo pelo qual o sujeito inscreve-se numa instância mítica. Como pela narratividade pode-se captá-la, o sujeito, na narrativa, ao privilegiar certas imagens, dá a conhecer os mitos com que procura ordenar o cotidiano e imprimir um sentido à existência. E isso se torna possível porque o mito é um sistema dinâmico de símbolos, arquétipos e gestos que tende a compor-se em relato, ou seja, apresenta-se sob forma de narrativa.” (DURAND, apud COSTA, 1999)

Então, entre colunas sociais, receitas culinárias, guias astrológicos, casos policiais, anúncios promocionais, relatos de eventos e matérias de esportes, as charges surgem como elemento adicional e imprescindível dentro deste mosaico, para conduzir o público leitor a um posicionamento crítico ou para uma fruição senão estética, pelo menos, de lazer. Esse campo dinâmico entre a produção e a recepção é o ponto-chave para entender como as charges são compreendidas, pois é preciso especular não só sobre as condições de produção das mensagens, quanto também sobre suas possibilidades receptivas.

A ferramenta metodológica necessária para o esboço de comentários analíticos a respeito das charges é a semiótica do discurso, de A.J. Greimas e Umberto Eco, ambas de uma linha que poder-se-ia chamar *pós-peirceana*. Com base em seus pressupostos, considera-se que o sentido de um texto é explicado por meio de um modelo que o trata como o resultado de um percurso com três níveis que se complementam – o fundamental, o narrativo e o discursivo.(FARIAS, 2005) Neste último nível, convém observar as relações que se instauram entre a instância da enunciação e o enunciado textualizado. Entende-se por enunciação, a cena enunciativa, o ato comunicativo em que o enunciado – proposição, mensagem materializada verbalmente – se inscreve.

“A enunciação define-se como a instância de um eu-aqui- agora. Com efeito, o sujeito da enunciação é sempre um eu, que opera, ao realizar a produção discursiva, no espaço do aqui e no tempo do agora. Por isso, a sintaxe do discurso, ao estudar as marcas da enunciação no enunciado, analisa três procedimentos de discursivização, a actorialização, a espacialização e a temporalização, ou seja, a constituição das pessoas, do espaço e do tempo do discurso. Além disso, como se produz um enunciado para comunicá-lo a alguém, o sujeito produtor do discurso desdobra-se num enunciador e num enunciatário. O primeiro realiza um fazer persuasivo, isto é, procura fazer com que o segundo aceite o que ele diz, enquanto o enunciatário realiza um fazer interpretativo.” (FIORIN, 1994, p.40)

A teoria semiótica do discurso se volta à produção, comunicação e interposição do texto, através de uma hipótese que possibilita explicitar e explicar sua organização. Aqui neste artigo, será dada ênfase ao nível discursivo, para em seguida destacar o nível fundamental (ou profundo) do enunciado. As figuras das charges servem como ponto de partida para discutirmos as articulações fundamentais que as sustentam. No contexto semiótico, figuras são termos que fazem remissão aos elementos do mundo. Buscar-se-á, portanto, mostrar a organização do sentido, priorizando os mecanismos que os enunciadores – Adorno e Mendes – utilizam para construir e instituir o texto, comunicando-o aos enunciatários (leitores das charges).

Para a semiótica de linha greimasiana, o texto pode ser estudado sob dois aspectos: como objeto construído e como objeto de comunicação. Enquanto objeto construído, é decorrente observar no texto as relações entre enunciação e as suas projeções do enunciado. Cada tipo de manifestação produz determinados efeitos expressivos, impõe restrições ao discurso por causa de seus suportes materiais. O ato de

enunciação constitui simultaneamente a enunciação e o enunciado, com tempo, espaço e atores próprios. Chama-se *debreagem* a forma pela qual se constitui o enunciado. (FARIAS, 2005) Presta-se atenção às marcas referentes a uma primeira pessoa que constrói o efeito de proximidade, simulando a subjetividade, ou a uma terceira pessoa, que elabora o efeito de distanciamento, simulando a objetividade. Nos dois casos a enunciação vem pressuposta. Sabe-se que o sujeito da enunciação nunca se manifesta diretamente no enunciado. Quem se manifesta no enunciado é o narrador, o sujeito do enunciado, responsável pela condução da narrativa. O efeito de sentido, portanto, é uma espécie de ilusão gerada por procedimentos discursivos construídos pelo enunciador.

Na Figura 1, de Mendes (2/3/09), é o narrador quem situa o contexto, indicando *no campeonato catarinense*. Os atores do enunciado são as cinco figuras (signos) mascotes das equipes: Tigre (Criciúma), Índio Condá (Chapecoense), Negrinho (Figueirense), Leão (Avaí) e Coelho (Joinville). São dois humanos – o índio e o negrinho – e três animais, dois deles felinos – tigre e leão – e outro mamífero roedor – o coelho. Eles tornam-se interlocutores, instaurando o discurso direto indicado pelas falas dentro dos balões, ou seja, o diálogo. O personagem Coelho (Joinville) corre à frente dos demais em direção à placa da cidade, provocando, então, a sucessão de falas do Índio Condá e do Leão, intermediadas pelos olhares estupefatos dos outros dois personagens – Tigre e Negrinho. Quando o Índio Condá pergunta se alguém anotou a placa, ele se refere ao Coelho que passou disparado por todos. A expressão anotar a placa é utilizada frequentemente na linguagem de trânsito, quando um automóvel comete alguma infração, neste caso a de excesso de velocidade, que pode ser autuada pela polícia ou por testemunhas, através das referências de identificação da placa do veículo. O único que responde à pergunta, dos demais quatro personagens, é o Leão, alegando que não houve tempo.



Figura 1 - Mendes (Notícias do Dia - 2/3/09)

Genericamente a charge refere-se à vantagem do time do Joinville naquela etapa específica do campeonato. Leva-se em conta, também, a conveniência do Coelho ser um animal relativamente veloz por natureza, em relação aos demais felinos e humanos. Após a indagação do Índio e a resposta do Leão, resta ao Coelho, praticamente o protagonista da ação, retrucar dizendo: ‘mas vai dar tempo de comemorar os 158 anos de Joinville’. Mais do que reais, estas cadeias enunciativas são verossímeis, pois constituem-se como um simulacro de uma situação sócio-cultural que pode ser aceito como verdadeiro. Trata-se de o mês de março concentrar as datas de aniversários de algumas cidades de SC, no caso, São José, Florianópolis e Joinville, que completou 158 anos. O discurso verossímil não é a realidade sócio-cultural em si, mas um simulacro das situações de um contexto específico, que é, também, o do campeonato catarinense. Os desenhos das charges não são exatamente cópias fiéis da realidade, até porque cada equipe vem representada por figuras metafóricas ou metonímicas. As figuras metafóricas são as dos animais – Tigre, Leão e Coelho – que representam arbitrariamente os mascotes dos times. As figuras metonímicas são as dos humanos – Índio Condá e Negrinho, pois se referem indiretamente ao nome do Estádio de Chapecó que, por conseguinte, sintetiza a figura mítico-racial do sujeito chapecoense, assim como a figura do Negrinho.

Para complementar essa primeira leitura, apesar de não fazer parte especificamente do escopo dessa análise, atenta-se para a ilustração da capa do Jornal *A Notícia* (28/3/09) (também da família RBS, de onde provém *A Hora de Santa Catarina*). Na figura 2, reforçam-se os atributos das figuras míticas, todas na linha de largada (denotativamente da corrida de atletismo), conotativamente da linha de meio de campo do futebol. Em relação à charge de Mendes, as posições de vantagens e desvantagens das equipes vêm bem distintas entre os atores, pois muita coisa se modificou em 26 dias. Desta vez são os dois felinos – Tigre (Criciúma) e Leão (Avaí) - quem lideram na arrancada. Isto porque, conforme informação verbal contida na peça, ambos estão com pontos extras, por isso largam à frente. O Índio Condá (Chapecoense) e o Coelho (Joinville) estão ainda em suas marcas, dando início, sem vantagem alguma, à etapa de disputas por duas vagas na decisão do campeonato estadual.

UMA NOVA CORRIDA

Joinville, Chapecoense, Avaí e Criciúma começam hoje disputa por duas vagas na decisão do Estadual. Com um ponto extra, Leão e Tigre largam na frente.

Páginas 32 e 33



Figura 2 - Capa Jornal A Notícia(28/3/09)

Estas projeções apontadas, ou seja, a debreagem enunciativa que constitui a charge – os elementos verbais da charge, que equivalem à fala de um narrador, sujeito da enunciação (autor da ilustração da matéria de capa) - e a debreagem de segundo grau, que instaura o diálogo, junto com outros procedimentos discursivos – desta vez não há balões com falas, mas há posturas dos atores, os signos são não-verbais - acabam produzindo um efeito de realidade ou referência. Não consistem em ser as personagens pessoas reais, mas de determinar no texto uma circunstância e um tema passíveis de ocorrerem no cotidiano. Mais do que real, o texto da charge é verossímil, um tipo de simulacro de uma situação sócio-cultural, aceito como verdadeiro.

Sabe-se que o discurso verossímil não reside na realidade sócio-cultural exatamente, mas vale como um simulacro de situações de um determinado contexto, que está sendo abordado simbólica-miticamente, no gênero jornalístico opinativo, que é a charge.(FARIAS, 2005) Esse simulacro discursivo vem disposto como se parecesse realmente verdadeiro, pois é através desses signos que o leitor dos jornais depreende sentidos e mantém-se 'informado'. A informação não é dada denotativamente, é mostrada numa espécie de cardápio simbólico, sobre cujas significações, o leitor/torcedor já tem o domínio, está persuadido de que ali naquele conteúdo há uma verdade.

Considerando, então, que a charge é um tipo de desenho que apresenta traços e características do enunciador que constituem seu estilo; e que o desenho não é

exatamente uma cópia fiel da realidade, o que poderia estar acontecendo aos olhos de um leitor descontextualizado (um leitor não-modelo)? Uma gincana de animais, uma leitura paródica e híbrida das fábulas de o leão e o ratinho (que problematizam as virtudes da determinação e da coragem), ou da lebre e a tartaruga (que discute a velocidade, a chegada mais rápida a um objetivo pré-determinado), pulverizada por dois novos personagens, um tigre e um índio... Enfim, esse mosaico mítico, zoosemiótico, veicula uma mensagem que se concretiza a partir dos valores da cultura em que está inserida. “O desenho não reproduz tudo, e muitas vezes até bem poucas coisas, sem deixar, contudo, de ser uma mensagem forte.” (BARTHES, 1990)

A mensagem mais forte dentre essas charges é a que expõe e põe em evidência um desses mascotes, que é o Leão. Este é lido num outro nível, situado diante de uma série de disponibilidades culturais ilimitadas pelas suas propriedades denotacionais, emergentes de cada contexto, regulado pela subjetividade. (SIMÕES, 2003) Pode-se dizer que a figura do Leão é decorrente dessas disponibilidades, que origina uma seleção obrigatória que vai gerando associações sógnicas, das quais resultam sentidos múltiplos a que está sujeito o intérprete da mensagem das charges. Isso acontece, sem perder de vista as relações sógnicas mais básicas, já pré-existentes, inscritas culturalmente no signo Leão, que terminam por disciplinar até mesmo algumas aberrações interpretativas. É o contexto que propicia essa ênfase. Em ambas as abordagens dos jornais populares, tanto no ND quanto no HSC, percebe-se uma conivência em exaltar a figura do Leão, participante pela primeira vez dos jogos da 1ª divisão, como se, além de uma obrigação em ter que cobrir e acompanhar o desempenho da equipe (quase uma obrigação de assessoria de imprensa), valorizando seus passos, chamando seus erros de equívocos, suas derrotas de falta de sorte etc.

Numa breve descrição semântica do signo, o Leão é denotativamente um animal grande, felino, que habita as estepes e savanas da África e do sul da Ásia. Gramaticalmente é um substantivo masculino que admite flexão de gênero para o feminino - leoa. E conotativamente, é o símbolo do Imposto de Renda (resta pensar nas motivações, se metonímicas ou metafóricas, entre signo e referente, neste caso), inscreve-se com a Perífrase de *o rei das selvas*, representado assim em fabulários diversos. Seu terceiro sentido, além dessa simples conotação já estabelecida, tradicionalmente, é o do Leão da Ilha de SC. Nessa instância, já re-conotado, elucidado como o mascote da equipe, das savanas para o eixo tropical, ele tenta avançar no campeonato estadual de futebol, garantindo-se nos campeonatos nacionais.

Na figura 3, de Adorno (HSC – 9/3/09), vemos duas situações simultâneas: o Leão correndo de um frango apaixonado, tendo cinco flechas espetadas em sua cauda e, logo abaixo, uma tartaruga com uniforme do Figueirense, tossindo e perdendo a corrida para alguém que deixou apenas o rastro. Presume-se que as flechas tenham sido lançadas pelo Índio Condá, portanto são índices dos gols - cada flecha, um gol. Vale acrescentar que a goleada investida fora divulgada efusivamente em matérias de capas por estes mesmos jornais populares, além de preencher os comentários dos columnistas. Todos unanimemente qualificando o episódio de vergonhoso, humilhante.



Figura 3 - Adorno (*Hora de Santa Catarina* – 9/3/09)

As armas do índio atingiram o traseiro do Leão. O Índio nem precisa aparecer, sua relação é indicial com a flecha, onde há fumaça há fogo, onde há flecha há um Índio com o arco nas mãos. O frango está simbolizando conotativa e pejorativamente esse excesso de gols tomados pelo adversário. Há de ser lembrada a expressão já clichê do frango no futebol. O frango seria o gol levado fácil, bestial e desastrosamente, o que conotaria um desleixo, um descuido, uma falta de atenção do goleiro ou da equipe, cena patética de um ou muitos gols sendo marcados nessas circunstâncias. Então, o frango sempre serviu de apelido (metáfora) do gol levado idiotamente. Uma outra digressão, agora, é conveniente, sobre as motivações ou arbitrariedades dessa relação gol-frango. Por que se elegeu o frango para representar esse tipo de lance no jogo? Essa motivação, se houver, pode ser da ordem da metáfora ou da metonímia? Talvez seja mesmo da metáfora, numa motivação por analogia. Quando se corre atrás de galinhas e frangos, para capturá-los, ou por simples travessura infantil, tenta-se pegá-los, e estes, geralmente, escapam dentre as nossas pernas, tornando toda a circunstância bastante hilária. Então o frango está exatamente no lugar da bola, deixada passar por entre as pernas ou de uma forma patética. Na charge, o fato do frango estar correndo atrás do Leão, devoto e apaixonado, pode enunciar a identificação, o foco de atração de um animal de uma espécie por outro de espécie distinta, mas naquele instante transformado, o frango vê o Leão como similar sob este aspecto.

Embaixo, a tartaruga está também representando, metonimicamente, a morosidade da equipe do Figueirense, frente à agilidade e à destreza da equipe do Joinville. Só mesmo um coelho poderia estar pressuposto, sugerido, por aqueles rastros deixados no ar. Estes rastros têm uma ocorrência, no plano do referente, sinestésica, pois não são nem sonoros, nem visíveis, mas talvez táteis, olfativos, ainda mais para os animais... Portanto, só o coelho do Joinville poderia ter ultrapassado tão rápido a tartaruga figueirense.

Assim, tanto o Índio quanto o Coelho fazem parte do mesmo grupo, por partirem de motivações similares, pois ambos são sugeridos a partir de um elemento de seus campos semânticos: a flecha e os rastros da passagem abrupta. Neste segundo caso, nem

são exatamente os traços dos rastros que servem de índices legítimos do Coelho joinvillense, mas a própria escolha e presença da tartaruga. O time do Figueirense não tem uma mascote única, apresentada nas charges, e quando tem está centrada na figura de um homem negro, que aqui se tem denominado de Negrinho. Mesmo assim, não se pode deixar de referir que há uma outra figura mascote da equipe, chamada de Figueirinha, desde 2002, uma Figueira em miniatura personificada. Mas nesta charge em questão, é a tartaruga posta ali que nos faz ler indicial e metonimicamente o Coelho do Joinville, numa nova alusão à antológica fábula da lebre e da tartaruga, numa espécie de ressignificação paródica. É imprescindível referir que não só esta charge como a matéria de capa desta edição já expunha o vexame das duas equipes em seus jogos, ou seja, o conteúdo da charge só veio reforçar uma crítica que já vinha explícita nas abordagens das matérias factuais. A idéia seria a de propor ao leitor que compartilhasse desse ponto de vista extremista sobre o fracasso de ambas as equipes no campeonato.

Na figura 4 podemos contemplar nova charge de Mendes, publicada no mesmo dia da de Adorno (9/3/09), que indaga se fora um clássico ou uma pelada entre Avaí e Figueirense. A bola está furada, explodida; o Leão e o Negrinho, desolados. A bordo de um balão, já em ascensão: o Coelho, em vantagem, já estabelecido, e o Tigre subindo aos solavancos, mas mesmo assim, escapando do solo. É o Coelho, em sua esperteza, quem pergunta: 'Clássico ou Pelada?'. Na charge de Mendes, a condução está mais apurada sobre o tema, levando o enunciatário a compartilhar do mesmo questionamento, ou seja, considerando o jogo como 'pelada'. A pergunta já é uma afirmação. Já a charge de Adorno utiliza-se de elementos não-verbais e dificulta essa inferência imediata, fazendo o enunciatário pesquisar em seu repertório os co-signos necessários para a compreensão da mensagem e sua posterior adesão crítica.



Figura 4 - Mendes (*Notícias do Dia* - 9/3/09)

Os sujeitos das enunciações, Mendes e Adorno, ao elaborarem suas charges, buscaram construir o verossímil e com isso alcançar a adesão dos enunciatários (os leitores). Para isso utilizaram alguns recursos, dentre eles estas figuras, cujo processo designar-se-ia de figurativização. Este procedimento consiste em atribuir traços sensoriais ao texto, conferindo-lhe uma concretude. Cabe questionar se encontramos

nestas charges figurativizações icônicas ou indiciais. E pelo fato dessas charges possuírem desenhos com características peculiares, não é tão simples confirmar que estejam representando pessoas. Estas figuras representam equipes sintetizadas em figuras de animais mitológicos ou personagens emblemáticos. A própria distribuição dos atores nestas charges, como participantes dos acontecimentos, colabora para a construção figurativa do espaço e do tempo. O espaço é o dos jogos, no contexto dos estádios, e o tempo está na sucessão das etapas do campeonato catarinense. Sabe-se que as personagens das charges não são pessoas reais, mas que os leitores as reconhecem como seres históricos que agem em determinado lugar, no caso, equipes de jogadores disputando uma competição.

Na Figura 5 (Adorno – HSC - 28/03/09), temos o Índio Condá (Chapecoense) e o Leão (Avaí), ambos se preparando para a próxima partida, o primeiro afinando sua flecha, o segundo suas garras. O objeto que eles utilizam para esses afiares é o esmerilhador. Este é feito de esmeril, um tipo de pedra muito rígida, composta por corindo (óxido de alumínio) e minerais do grupo das espinelas como a magnetita ou a hercinite. O esmeril industrial pode conter uma variedade de outros minerais e compostos sintéticos como a magnésia, a mulita ou a sílica. Essa pedra de amolar é utilizada geralmente para afiar facas ou outros instrumentos perfurocortantes, tem formatos variados, pode ser redonda ou quadrada. Neste formato redondo da charge, ela vem montada num dispositivo conhecido como rebolo.

Estão os nossos personagens afinando no esmerilhador os respectivos instrumentos de defesa, já que a Chapecoense tinha um passado de goleada (5 x1) sobre o Avaí, pensa em repetir o mesmo espetáculo, enquanto este último afia as garras para tentar reverter esse quadro. Os mascotes olham-se com ferocidade.



Figura 5 - Adorno (Hora de Santa Catarina – 28/03/09)

A figurativização recobre, então, um tema. Entende-se tema como esse semantismo que se mantém no desenvolvimento de um texto. Assim, é o tema do campeonato catarinense que está figurativizado nas charges, através das agruras e peripécias de personagens. Estes signos zoosemióticos consistem em representações sintéticas de suas equipes. Outro recurso conveniente para ser identificado nesse propósito é o da ancoragem, pela qual o texto é relacionado a espaços, datas e pessoas

que os enunciatórios (leitores) reconheceriam como existentes. Em todas essas charges, esse efeito é alcançado graças às indicações verbais, que delimitam os acessos de leitura e da presença desses signos zoosemióticos, que constituem-se em saberes já compartilhados entre os enunciatórios. Estes já têm a impressão de que se trata de uma reprodução, por vezes jocosa, da repercussão dos impasses e dos resultados do campeonato catarinense.

Na Figura 6 (Adorno – HSC - 1/4/09), agora o Leão pega, também com ferocidade, uma pandorga que tem o mesmo formato do brasão do Joinville, fazendo o Coelho saltar do emblema. As garras não estão a ameaçar, como se previsse o jogo assim na charge anterior. Estas já afastaram o Coelho, pois o jogo já aconteceu, e o Coelho já saiu fugindo, derrotado.



Figura 6 - Adorno (*Hora de Santa Catarina* – 1/4/09)

Levando em conta esses procedimentos da tematização, da figurativização e da debragem, cria-se no texto uma lógica que constitui a sua coerência. Essa lógica é o que se entende por isotopia, em semiótica, quando fatos, personagens, tempo e espaço, ou seja, os elementos de uma estrutura narrativa criam um contexto. A isotopia consiste, então, nessa reiteração de signos e figuras de um texto. A primeira ocorrência isotópica é a temática – a do campeonato catarinense; a segunda é a figurativa – a dos personagens simbólicos: Leão, Coelho, Tigre, Tartaruga, Índio, Negrinho.

Resta indagar sobre quais as verdades colocadas em questão nos contextos das charges. Em semiótica, a verdade é considerada uma questão de ordem discursiva, construída em relações intersubjetivas através da linguagem. Chama-se veridicção o que está intrinsecamente relacionada àqueles que interagem pela linguagem, seguindo um arsenal de valores já inseridos. Neste ínterim, tem sido função dos enunciadores, Adorno e Mendes, construir um efeito de verdade para o enunciatório, num processo de fazer-creer. O enunciatório, o leitor-torcedor, interpreta esse discurso, tirando-o como verdadeiro ou falso. Entre chargistas e leitores cria-se, portanto, um contrato de veridicção, que regulamenta o reconhecimento de todas as figuras apresentadas no discurso materializado. Os leitores das charges, neste processo de inferência das figuras, passam por um empreendimento cognitivo e pragmático.

O enunciador presume o que o seu enunciatário sabe acerca do campeonato catarinense e de suas equipes. O enunciatário tem a tarefa de reconhecer o contexto a que o enunciador se refere. O contrato de veridicção coincide, portanto, com o fazer persuasivo do chargista e o fazer interpretativo do leitor. Nas charges, Mendes e Adorno, conscientemente ou não – pois não há como pressupor suas reais intenções, assim como visualizar suas condições de produção –, se utilizam de recursos sintáticos, semânticos e imagéticos, para instaurar as suas verdades, com função geralmente humorística. As charges só são aceitas porque apresentam traços que serão, certamente, reconhecidos pelo senso comum.

Estas charges são textos de humor, funcionam como crônicas em que preponderam elementos não-verbais. E assim como as crônicas, são textos jornalísticos opinativos. E por isso, os leitores que têm conhecimento do campeonato catarinense e conhecem os detalhes de seu funcionamento, vão entender as charges como uma manifestação de ironia, podendo achar graça e rir, daí se cumpre a função pragmática da charge, o efeito pretendido pelos seus autores: o riso. Já aqueles leitores que não concordarem com as zombarias que as charges apresentam, por meio das performances de seus personagens, entende-las-ão como uma crítica equivocada e inconveniente, ou mais radicalmente, sentir-se-ão insultados com a opinião manifestada.

“O interesse estratégico da ironia reside no fato de que ela permite ao locutor escapar às normas de coerência que toda argumentação impõe: o autor de uma enunciação irônica produz um enunciado que possui, a um só tempo, dois valores contraditórios, sem, no entanto, ser submetido às sanções que isto deveria acarretar. A ironia parece então ‘uma armadilha que permite frustrar o assujeitamento dos enunciadores às regras de racionalidade e da conveniência públicas’.” (MAINGUENEAU, 1993, P. 100)

Desta forma, é possível entender um pouco dos procedimentos que um chargista adota para elaborar sua crítica, quando instaura efeitos peculiares de sentido como o humor e ironia. Constata-se que só mesmo no ato da decodificação das charges esportivas é que os leitores compreendem e interpretam suas figuras, apreendendo em maior ou menor nível a sua organização discursiva, assim como sua dimensão crítica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Márcia Franz. *Jornalismo Popular*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. 3ª ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH /USP, 2001.
- BARTHES, Roland. *O Óbvio e o Obtuso*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- BENETTI, Márcia. *Análise do Discurso em jornalismo: estudo de vozes e sentidos*. In: LAGO, Cláudia et all. *Metodologia de Pesquisa em Jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.
- COSTA et all. (org.) *Futebol: espetáculo do século*. São Paulo: Musa Editora, 1999.
- FARIAS, Iara Rosa. *Charge: humor e crítica*. In: LOPES, Ivã Carlos & HERNANDES, Nilton (orgs.). *Semiótica: objetos e práticas*. São Paulo: Contexto, 2005.
- FIORIN, José Luiz. *Elementos de Análise do Discurso*. 4ª ed. São Paulo, Contexto, 1994.

MAINGUENEAU, Dominique. *Novas Tendências em Análise do Discurso*. 2ª edição. Campinas/SP: Pontes, 1993.

SIMÕES, Darcília. *Semiótica & Ensino: reflexões teórico-metodológicas sobre o livro sem-legendado e a redação*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2003.

Endereço: Rod. Int. Antonio Damasco, 2842 – Ratoões – Florianópolis – SC – CEP 88052-100 – doctormessa@yahoo.com.br – data-show e DVD

